

lentas críticas ao Conselho dos anciãos atenienses, o que, eventualmente, foi a sua ruína.

Nascido em 470 a.C., Sócrates foi condenado à morte em 399 a.C., quando o forçaram a beber a venenosa cicuta. Seus acusadores haviam ridicularizado suas referências à voz do demônio, que o impedira de agir ou falar em outras ocasiões, mas ficou em silêncio durante a prisão e o julgamento, não o deixando falar em sua própria defesa. Sócrates tomou este silêncio como uma aprovação de todos os trâmites legais, inclusive à sentença de morte; ele descreveu isso nestes termos:

“Até hoje, o oráculo familiar, no meu interior, sempre se opôs a mim, até mesmo em questões insignificantes, quando eu estava para cometer um engano. Mas agora, como vocês podem ver, estou face a face com aquilo que geralmente se acredita ser o derradeiro e pior mal. No entanto, a voz não me deu sinal de oposição, nem quando deixei minha casa esta manhã nem quando entrei no tribunal. Ela permaneceu calada enquanto eu falava e ante tudo o que eu pretendia dizer. Em outras ocasiões, ela me fez parar até no meio de um discurso. Agora, porém, ela não se opôs a nada do que eu disse ou fiz neste assunto. Como posso explicar isso? Deixem-me dizer-lhes: considero o seu silêncio como uma aprovação do que estou dizendo. Os sinais costumeiros, por certo, opor-se-iam a mim, estivesse eu caminhando em direção ao mal, melhor do que ao bem. Meu fim, que se aproxima, não está acontecendo por acaso. Vejo, muito claramente, que morrer e pela morte ser libertado será melhor para mim; e, por isso mesmo, o oráculo não me deu nenhum sinal.”

E, com isto, por causa do silêncio do seu demônio, Sócrates preparou-se para morrer, mostrando-se sereno porque sabia que um poder, fora dele mesmo, aprovava sua transição para uma vida além da morte, uma vida melhor. Em tempos passados, um dos avisos manifestara-se quando a voz induziu Sócrates a insistir com um jovem, Charmides, para que não participasse de uma competição esportiva. Charmides, porém, ignorou o aviso e sofreu uma lesão. Em uma ocasião mais solene, a de uma conspiração de assassinio, Timarcos estava bebendo com Sócrates, antes de partir para cometer o assassinio; Sócrates disse-lhe que o demônio havia transmitido um aviso, mas Timarcos saiu — enquanto a mente do filósofo “estava voltada para outra direção” — e foi morto.

Plutarco, n' *O Demônio de Sócrates*, fornece uma anedota divertida. Certa vez, enquanto caminhava pelo campo com os discípulos, Sócrates deteve-se, devido a um aviso dado por sua voz interior, enquanto os outros prosseguiram ao longo de um caminho estreito. Logo eles foram cercados por uma vara de porcos enlameados e retornaram para o mestre, rindo e lambezados de sujeira.

Sem dúvida, a orientação do demônio encorajou Sócrates em sua vida, e em seus ensinamentos, do mesmo modo que o fez em sua morte. Assim como Joana D'Arc, cujas vozes fizeram dela a corajosa mártir-defensora da França, Sócrates sentiu-se protegido e dirigido. Uma vez que era um mestre do diálogo e do monólogo, mas nunca escreveu nada, temos que depender da exatidão de seus alunos para conhecer fatos em cima dos quais possamos estruturar uma interpretação. A imagem deste grande filósofo, orientado por uma voz imaterial, estimulou opiniões que vão desde a “orientação espiritual” até a insanidade. A interpretação espiritualista ocorre naturalmente a qualquer um que considere o homem mortal como sendo orientado ou fortemente influenciado pelos espíritos e que aceite, como realidade, a comunicação entre os vivos e os mortos.

O psiquiatra francês do século dezenove, L. F. Lélut, condicionado por seu trabalho entre doentes mentais, no Asilo de Bicêtre, em Paris, interpretou a crença evidente de Sócrates, na vida após a morte, como um distúrbio emocional. Em seu livro *Du Démon de Socrate* [Do Demônio de Sócrates] (Paris, 1856), Lélut foi o pioneiro da aplicação da psicologia à história. Ele primeiro fala, com admiração, da personalidade e das realizações do filósofo, de sua “natureza, duplamente forte e estável, que o tornou quase insensível à dor física e à angústia do sofrimento comum, que o habilitou a suportar, sem um murmúrio, fome, sede e frio, ou a receber, com um sorriso, os vitupérios de Xantipa (sua sempre vituperante esposa) e a enfrentar calmamente os gritos da turba ateniense, ou, até mesmo, ameaças de morte...”. Lélut elogia as “ainda mais elevadas atitudes da alma” de Sócrates, descrevendo como ele superou o veneno em sua mão e, ao mesmo tempo em que “consolava os amigos em pranto, conversou com eles por longo tempo sobre o seu tema favorito, a imortalidade da alma, as esperanças de uma nova vida”. A despeito disso, Lélut conclui que a “imagem é incompleta”, porque “Sócrates acreditava estar em